



Organizações sociais e canais de comercialização acessados por agricultores agroecológicos:

Um estudo de caso na feira-livre central de Chapecó-SC.

*Social organizations and marketing channels accessed by agroecological farmers:
A case study in the open-air market central Chapecó -SC .*

KLOCK FILHO, Luiz Paulo¹, VASQUES, Samuel Tafernaberi², GODOY, Wilson Itamar³

¹UTFPR, luizpkfilho@gmail.com, ²UTFPR, stvasques@hotmail.com, ³UTFPR, godoyutfpr@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta as experiências de agricultores que produzem alimentos no sistema de manejo agroecológico e estão inseridos nas cadeias curtas de comercialização. O objetivo do estudo é mostrar como produtores familiares, inseridos na feira central de produtos coloniais e agroecológicos do município de Chapecó, organizaram-se e comercializaram sua produção agroecológica. Verificou-se que os produtores se estruturam economicamente com a venda no canal de comercialização chamado feira-livre, e por ações individuais, longe de uma percepção coletiva de enfrentamento a dinâmica do mercado. Há potencialidades ao utilizar princípios da Agroecologia associados à conexão entre produtor e consumidor como estratégia para o desenvolvimento rural sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável, Canais Curtos.

ABSTRACT: This paper presents the experiences of farmers producing food in the agro-ecological management system and are included in short supply chains . The objective is to show how family farmers , inserted in the central fair colonial products and agroecological of Chapecó , were organized and marketed its agro-ecological production . It was found that the producers economically structure the sale in the marketing channel called open-air market , and individual actions, far from a collective perception of coping market dynamics . There is potential to use principles of agroecology associated with the connection between producer and consumer as a strategy for sustainable rural development.

KEYWORD: Agroecology; Sustainable development; Short chains.

Introdução

A discussão em torno de formas de praticar e viver a agricultura insere-se na busca da sustentabilidade do desenvolvimento, indicando um objetivo social e produtivo. Independente da adoção de um padrão tecnológico torna-se inerente nas discussões da sociedade o uso predatório dos “recursos naturais”, buscando compatibilizar, como contraponto, um padrão de produção agrícola que integre de modo equilibrado objetivos sociais, econômicos e ambientais (ALTIERI, 2001).



A expansão da “Revolução Verde”, no início dos anos 60, mostrou aspectos de maior produtividade no campo, pois com o novo pacote tecnológico agrícola, uso de fertilizantes, agrotóxicos, irrigação e mecanização intensiva o aporte de rendimento em curto prazo mostrava-se superior, e graças ao incentivo governamental foram substituindo as práticas tradicionais.

Na possibilidade de alternativas para um desenvolvimento rural sustentável, vai ao encontro dos pilares da agroecologia, sendo baseado na construção de sistemas locais que levem em consideração os valores das pessoas, o seu conhecimento, sua forma de organização social e as tecnologias disponíveis em conjunto com o manejo ecológico de recursos naturais que, incorporado a uma ação social coletiva de caráter participativo, permita projetar a inclusão social em equilíbrio com a natureza.

A agroecologia nos contextos de agricultura e desenvolvimento rural sustentáveis exige um tratamento mais equitativo a todos os atores envolvidos. Como aborda Caporal,

“[...] a Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis”.
(CAPORAL, 2009, p.04)

Tal estratégia alia o conhecimento tradicional ao científico, permitindo a implementação de sistemas alternativos de agricultura, que são potencializadores da biodiversidade ecológica e sócio-cultural.

Metodologia

Para entender este processo a primeira etapa do trabalho foi o levantamento de produtores agroecológicos que atuam na feira Central (Feira de produtos Coloniais e Agroecológicos) no município de Chapecó, localizado na região oeste do Estado de Santa Catarina.

Na segunda etapa, verificado o pequeno número de família de agricultores certificados e inseridos na feira central, um total de quatro, optou-se por entrevistar o grupo. No intuito de manter o contato com os responsáveis pela produção e comercialização, elegeu-se como local da entrevista o ponto de comercialização denominado feira de produtos coloniais e agroecológicos de Chapecó, situada entre as ruas Clevelândia e Rui Barbosa no bairro centro.



A pesquisa foi realizada em novembro de 2014, onde foi aplicado um questionário semiestruturado para cada família, com perguntas abertas e fechadas durante a realização da feira. As questões visaram obter dados referentes às atividades associativas realizadas pelos produtores e às oportunidades de comercialização de seus produtos. As perguntas foram feitas diretamente aos responsáveis das bancas que comercializavam diversos produtos como frutas, grãos, hortaliças entre outros. Por fim, a última etapa constitui-se da tabulação e análise dos dados obtidos.

Resultados e discussões

Dentro das diferentes estratégias que os produtores utilizam como opções de inserção no mercado, os resultados desse estudo apontam que todas as famílias comercializavam a produção para os programas do governo federal PAA e PNAE, vendas na propriedade, entregas domiciliares, e diretamente na feira sem intermediadores. Assim como, algumas famílias também estão inseridas nas grandes redes de varejo.

Conforme relato dos entrevistados, no ano de 2014 o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) quase não foi operacionalizado pela prefeitura, uma vez que o governo federal repassou uma quantidade muito incipiente da proposta aceita para execução no município.

Atualmente, verifica-se que três das quatro famílias têm mais de 50% do movimento econômico bruto da propriedade rural provenientes da venda da produção na feira central. Evidencia-se que a comercialização direta ao consumidor deve ser encarada como uma atividade não agrícola que gera renda e, portanto, exige investimento de tempo em qualificação e em treinamento para seu aperfeiçoamento.

No que se refere à porcentagem da renda bruta da propriedade provinda dos supermercados apenas três das famílias acessam essa modalidade de comercialização. Destas, para duas famílias a venda nas redes de supermercados representa 20% da renda bruta, assim como para a outra 35%, sendo importante para diversificar formas de reprodução do capital. Entretanto pode-se perceber uma importância de maior grau para os canais de comercialização curto, que possibilita uma maior autonomia dos produtores rurais.

A feira-livre pode ser colocada como um dos métodos de acesso ao mercado local que contribui para agricultores que trabalham com a proposta agroecológica como ressaltam Godoy e Anjos (2007, p.368), “[...] pois além de aproximar as pessoas com interesses de troca econômicas idênticas, em que o valor é formado por uma discussão direta entre os atores, constitui-se também num palco de reprodução social”.



No tocante à organização dos agricultores averiguou-se que uma das famílias de agricultores não é associada à cooperativa e, portanto, não comercializa para o PNAE. Essas estruturas tem como fim o planejamento de atividades que oportunizem acesso a novos mercados ou mesmo algum tipo de especialização de produção, no intuito de aumentar a pauta de produtos e facilitar possíveis problemas, entre outros. Sendo fundamentais para a dinâmica de sucesso para qualquer tipo de empreendimento que busca o desenvolvimento local.

Para Bandeira, o capital social é importante na implantação de políticas regionais que visam o desenvolvimento regional, pois:

“[...] além das iniciativas de tipo tradicional, como a implantação de infraestrutura as ações de fomento e os esforços voltados para a atração de investimentos privados, devem ser adotadas medidas que contribuam para a acumulação de capital social, fortalecendo a coesão das comunidades, promovendo a colaboração na solução de problemas comuns e estimulando os vários atores sociais a participarem ativamente da discussão das questões de interesse público.” (BANDEIRA, 1999, p.21)

Nas respostas coletadas na pesquisa não foram encontradas entre os produtores ações que enfatizassem a importância de articulação entre os membros na possibilidade de aumentar sua dinâmica de fortalecimento de novos canais de comercialização e de organização entre eles. Muitos estão associados em cooperativas, porém, ainda se mantêm ações individualizadas.

Conclusões

O desenvolvimento rural deve passar pelo fortalecimento de sistemas locais na busca da sustentabilidade, e integrar os espaços socioculturais e ambientais. As possibilidades de quebrar o paradigma do modelo convencional e buscar formas alternativas de produção, principalmente influenciados pela agroecologia, não estão limitados apenas à troca de insumos, mas na ação de repensar as relações de mercado, social e ambiental do agricultor.

Os canais de comercialização curtos demonstrados na pesquisa como PNAE, PAA e as Feiras de Produtos Coloniais e Agroecológicos de Chapecó, formam um importante espaço para a dinâmica socioeconômica dos produtores envolvidos na pesquisa, o que demonstra que a diversificação de atividades produtivas é uma significativa contribuição enquanto estratégia de reprodução social e econômica para o desenvolvimento rural.

No relato sobre a importância da feira como fonte de renda para os agricultores pesquisados, nota-se que é necessária maior capacitação dos agricultores na atividade de feirante. Vale ressaltar que poucos são as pesquisas que tratam a



atividade da feira como categoria de trabalho e não como mera alternativa de elevação e renda da atividade principal, no caso de produtores agrícolas de alimentos. Não se propõe a categorização dos feirantes de forma homogênea, mas ressalta-se a importância dessa atividade de trabalho. Como destaca Vedana (2013, p. 66) “[...] Nem todos os feirantes fazem o mesmo investimento, ou se veem construindo o mercado e projetando-se como feirante”.

Outro ponto a ser observado é a forma das ações coletivas dos agricultores pesquisados. Mesmo fazendo parte da sua estratégia de venda a participação em uma cooperativa (não sendo especializada em modelos alternativos de produção), não foram relatadas formas de ações conjuntas que fortaleçam a unidade entre os agricultores agroecológicos. Mesmo havendo uma associação (não formalizada), está não foi mencionada nas respostas dadas a entrevista. Evidenciando que a utilização de modelos alternativos não pode estar somente baseada na produção ambientalmente correta e economicamente viável, que também devem trazer relações sociais mais próximas que possam quebrar com a prática individualista instituída pelo mercado que gera desigualdades.

Referências Bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia. A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª edição Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 23-65.

BANDEIRA, Pedro. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília- DF: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, fevereiro de 1999.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agricultura mais sustentáveis**. Brasília: 2009. 30 p.

GODOY, Wilson Itamar; ANJOS, Flávio Sacco dos. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007, p. 364 – 368. Disponível em: < <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/1943/1771> . Acesso em: 10 jan. 2015.

VEDANA, Viviane. **Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v19n39/v19n39a03.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2014.